



O Exército possui uma área na Beira-Mar, usada, normalmente, pelos circos que passam pela cidade

Arquiteto é contra área ociosa

A polêmica que envolve os milhares de metros quadrados de terrenos pertencentes à União, a maior parte deles concentrada em regiões privilegiadas de Vitória, atinge também os arquitetos capixabas. Alguns consideram um verdadeiro "desperdício" o não-aproveitamento destas áreas. O arquiteto Gregório Repsold, por exemplo, acha que a solução do problema passa pela democratização do uso do solo. "A cidade é de todos", afirma.

Para o arquiteto, o abandono da maior parte destas áreas demonstra o "gigantismo do Governo". Ele não descarta que por trás deste abandono haja ainda interesses especulativos que acabam prejudicando todo o conjunto da sociedade. "Fica tudo malservido, já que estas áreas não aproveitadas acabam manipulando o crescimento da cidade", disse. Como em Vitória existe uma carência muito grande de terrenos para novos empreendimentos, o jeito é "expulsar" os habitantes para a periferia.

Infra-estrutura

Sendo a cidade jogada para a periferia, crescem os problemas sociais e também os custos dos serviços de infra-estrutura, segundo o arquiteto. São mais redes de esgoto, telefone e energia que precisarão ser criadas. Isto sem contar com os serviços de cal-

camento e também transporte coletivo. De acordo com Gregório, esta opção pelo crescimento periférico da cidade acaba tendo um custo final muito elevado. Tudo isto, no seu entendimento, ocorre devido à falta de planejamento.

O arquiteto César Mendonça afirma que Vitória está com seu crescimento sufocado. "Não existem muitas áreas disponíveis", disse. Para ele, além da mudança do PDU da cidade, é preciso ainda a mudança do aeroporto da região de Goiabeiras. Na área, que tem mais de 5 milhões de metros quadrados, ele sugere que seja erguido um novo bairro, com urbanização integrada e mais voltado para prédios. Segundo ele, é preciso que se faça a concentração dos moradores para diminuir os custos de infra-estrutura.

César Mendonça considera a concentração de áreas em poder da União algo sem razão. "Não tem por que este estoque de terrenos", disse. Na sua opinião, estas áreas deveriam ter uma destinação bem melhor nas mãos da iniciativa privada. Ele lembra que além dos terrenos, os armazéns do extinto IBC, em Jardim da Penha, mereceriam um melhor aproveitamento. Em sua opinião, o Governo estadual e a PMV deveriam tentar negociar estas áreas com os mi-

nistérios detentores da posse. "Poderia haver uma permuta, que beneficiasse ambas as partes", propôs.

Enquanto uma solução deste tipo não é acertada entre os órgãos envolvidos na questão, o arquiteto Gregório Repsold sugere que sejam criadas sobretaxas de impostos para terrenos baldios. "Estas áreas deveriam ter impostos altíssimos, para evitar que fiquem a vida inteira assim", disse. Para ele, estas áreas bem aproveitadas contribuiriam para uma humanização maior de Vitória. "A cidade foi feita para abrigar o homem", disse. Para cumprir bem seu objetivo, segundo ele, é preciso que haja espaço suficiente para abrigar lazer, escolas e outras atividades essenciais à população.

Já a professora do curso de Arquitetura da Ufes Clara Miranda é mais cautelosa na análise do problema. Concordando que as áreas muitas vezes ficam abandonadas, ela, por outro lado, teme a exploração destas áreas pelas construtoras. "Há falta de espaços livres em Vitória e alguns, como o terreno do Exército, em frente à Rede Gazeta, não deveriam nunca ser ocupados", disse. Para ela, a cidade precisa de áreas assim, que serviriam para atender a diversões itinerantes, como circos e parques de diversões.